

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

EDUCACIÓN ARTÍSTICA

Questões sobre a formação de educadores patrimoniais

Rejane Galvão Coutinho¹

¹ Instituto de Artes – UNESP. rejanegcoutinho@gmail.com

1. INTRODUZINDO A QUESTÃO

O foco da questão é a formação de educadores patrimoniais, entendendo que esses educadores atuam como mediadores culturais no contexto de ações educativas em museus e centros culturais. Inicialmente trazemos a tona alguns pressupostos que atravessam o campo das práticas da mediação cultural para, posteriormente, tecer considerações sobre o perfil desse educador mediador problematizando algumas dimensões do processo de formação profissional.

O campo das práticas da mediação cultural que abordamos aqui lida com o segmento exclusivo da alta cultura, ou seja, com obras de arte, objetos e bens culturais patrimoniais que se colocam em exposição em museus e centros culturais. Este segmento tem nos últimos anos no Brasil recebido incentivos de renúncia fiscal em nome da ampliação do acesso de todos aos bens culturais sob a bandeira da *democratização das artes e da cultura*. Esta ampliação de acesso aos bens culturais é a justificativa institucional para a presença dos educadores mediadores nas exposições. Situar este contexto é fundamental para compreender as complexas questões que se imbricam na mediação cultural e, conseqüentemente, dizem respeito aos sujeitos que impulsionam estas ações.

Neste campo, é comum partir do pressuposto de que a mediação levada a cabo nas instituições culturais é sempre uma ação que visa o bem comum. Pouco se questiona este pressuposto, pois ao colocá-lo em xeque se estará de certa maneira ameaçando um campo de práticas ainda incipiente, em processo de consolidação. Grande parte das pesquisas realizadas no Brasil até o momento (Benvenuto, 2004; Grispum, 2000; Martins, 2005; Martins, Schultze, Egas, 2007; Moura, 2007; Orloski, 2005; Rizzi, 1999) partem do pressuposto de que as ações de mediação e o acesso aos bens patrimoniais são ações em princípio inquestionáveis, que devem interessar a todos os cidadãos, reforçando assim a premissa da *democratização das artes e da cultura*.

2. POR UMA MEDIAÇÃO CULTURAL CRÍTICA

A breve história da mediação cultural no Brasil vem nos mostrando, através de práticas vinculadas ao campo da arte, o quanto as ações de mediação têm buscado muito mais reforçar as distinções socioeconômicas de cunho elitista que têm por base as heranças culturais previamente adquiridas, do que propriamente reduzir as desigualdades de acesso. Essas práticas, mesmo usando o slogan da *democratização das artes e da cultura*, vêm contraditoriamente assumindo e reforçando o discurso da elitização.

A bandeira da democratização tem sido ultimamente usada no Brasil de forma explícita ou implícita como slogan para os investimentos em ações educativas tanto pelas instituições que gerenciam e colocam em circulação os bens patrimoniais, quanto por aqueles que efetivamente põem em prática tais ações. É importante buscar compreender o contexto onde se inscreve esta declaração que vem se naturalizando no campo e se apresenta como um princípio afirmativo que justifica toda uma gama de investimentos em prol da formação de um público fruidor. Se faz também necessário problematizar o campo onde esta declaração surge e onde ela se situa, pois percebe-se que apesar de carregar o epíteto da democracia, contraditoriamente foi forjada para reforçar os mecanismos de distinção (Caune, 2006). A democratização, neste caso, implica na aceitação inquestionável dos valores pertinentes a um campo que se auto-proclama exclusivo e hierarquicamente superior. Uma democratização de mão única, que parte do princípio de que os valores referentes aos bens patrimoniais e às obras

de arte devem interessar a todos e contribuir para a formação de todos, sem distinção de sexo, idade, etnia, classe social, etc. Valores estes que se fundam em pretensos critérios universais, oriundos de processos hegemônicos eurocêntricos.

Do ponto de vista educacional, lidar com esta contradição é extremamente complexo. Como empreender uma ação educativa verdadeiramente democrática se as instituições permanecem encasteladas, se os bens culturais permanecem distantes, expostos em vitrines e pedestais em cenários luxuosos? Como pretender a democratização do acesso se as estratégias e discursos usados para este dito acesso fazem uso de signos e de sistemas interpretativos exclusivos, distintos daqueles usados pelos sujeitos que buscam este acesso?

Esta percepção é corroborada por outros pesquisadores como Darras (2008) que consideram que uma mediação que busca aproximar o público leigo da alta cultura com ações que fazem uso de um discurso elitista, reproduzidor de mecanismos de distinção, apenas confirmam para o grande público que esta parcela da cultura não lhes pertence.

Ao trazer a questão da mediação para o âmbito educacional estou procurando encontrar outros modos de operar o acesso à cultura, ou seja, pensar uma mediação cultural que busque, como já alertava Bourdieu (2007), compensar (pelo menos parcialmente) as desvantagens daqueles que não encontram em seu meio familiar, social e cultural a incitação a esta específica prática cultural.

Muitos daqueles que já possuem um capital cultural (artistas, produtores culturais, críticos de arte, curadores, historiadores, etc.) tecem críticas a este modo de operar, ou seja, o modo de fazer da visita a uma exposição uma ação educativa. Pondera-se que ao trazer a questão da mediação para o campo educacional corre-se o risco de reduzir as práticas *diletantes* da cultura, ou o *prazer da experiência estética* a uma *escolarização* excessiva.

Outro argumento a considerar é que uma dimensão educativa pode também reduzir essas práticas de mediação ao mesmo processo de reprodução das desigualdades que é operado pelas engrenagens do sistema escolar tradicional. Por isso, quando pretendo deslocar a questão da mediação para o campo educacional, tomo como referência uma perspectiva crítica de educação e, sobretudo, de arte-educação (Barbosa e Coutinho, 2009), tendo a pedagogia dialógica como concepção norteadora e proposições contemporâneas de ensino de arte como modo de articular as ações de mediação.

É uma saída para o impasse em que se encontram as ações educativas: tentar reverter a lógica desse sistema excludente. Ao invés de mediações diretas e unidirecionais, proponho mediações dialógicas e multidirecionadas. Não um falando por todos e para todos, mas a instauração de diálogos, a circulação da palavra, em processos de interpretações que levam em conta os diferentes lugares de fala dos indivíduos, as diferentes comunidades interpretativas. Uma prática aberta a múltiplas narrativas.

Ao invés de confirmações e afirmações sobre um campo e seus valores, a instauração de dúvidas, a prática do descentramento de pontos de vista.

Ao invés de assumir um conceito de cultura como elemento aglutinador de identidades, pensar a cultura como redes de significados, como comunidades de

sentidos, de pertinência e de pertencimento, que revela heterogeneidade e contradições. Uma idéia mais dinâmica de cultura que comporta transfusões e mestiçagens de produtos materiais e crenças (Aguirre, 2009).

Ao invés de se submeter e sucumbir às políticas culturais institucionais, desvelar as entranhas que constituem o campo patrimonial e o campo da arte, deixando emergir os conflitos, enfrentando as contradições inerentes à própria situação das ações educativas frente às instituições que as mantêm.

Como agentes mediadores nesse contexto cabem então nos perguntar: para quem fazemos a mediação? Qual o foco prioritário desse trabalho? Si pensamos no público, é preciso buscar identificar e situar quem é esse público. Si buscamos ampliar o acesso desse público aos bens culturais, é necessário reposicionar nosso foco de ação e refletir sobre as concepções de arte e de cultura que norteiam os projetos educativos das instituições. E aqui não podemos ignorar que os projetos educativos também fazem parte das estratégias promocionais das instituições, que com esses projetos justificam parte do capital investido.

É urgente, no contexto brasileiro, refletir sobre as ações educativas que tenham por finalidade favorecer aproximações com a arte e a cultura, sobretudo aquelas que têm como foco os sujeitos que historicamente foram apartados desses conhecimentos. A partir dessas considerações sobre o campo da mediação como um espaço de enfrentamento de concepções sobre a arte, a cultura e a educação, adentro o tema deste texto deslocando o foco da discussão para as implicações dessas questões sob os agentes mediadores deste processo.

3. QUEM É O MEDIADOR CULTURAL?

A pesquisa de mestrado realizada por Valéria Peixoto de Alencar² no Instituto de Artes da UNESP, nos fornece dados que nos permite delinear um perfil dos mediadores culturais no contexto da Cidade de São Paulo. São dados de uma pesquisa de campo realizada entre os meses de setembro e novembro de 2006, com cem (100) educadores/mediadores que atuavam na ocasião nos principais museus e centros culturais da Cidade. É importante salientar que este número de educadores representava na época um terço do total de educadores atuantes no mercado.

Vejamos inicialmente alguns dados³ sobre a idade desses sujeitos que foram aqui agrupados por faixa etária e podem ser lidas a partir das seguintes etapas que compõem a vida profissional de um educador, segundo António Nóvoa (1995).

Divisão por faixa etária

Faixa etária	Educadores	Etapa da vida profissional
18 a 22 anos	17	Período de formação inicial
23 a 27 anos	20	Início da vida profissional

² Alencar, V. P. de. O Mediador Cultural. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado). Orientação de Rejane Galvão Coutinho, Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2008.

³ Alencar, 2008, p.42.

28 a 32 anos	21	Relativa experiência e busca de estabilidade profissional
33 a 37 anos	12	Relativa experiência e busca de estabilidade profissional
Acima de 40 anos	6	Estabilidade profissional
Não revelaram a idade	24	

Os dezessete (17) educadores que se encontram no período de formação inicial eram, na ocasião, estagiários da Bienal Internacional de São Paulo de 2006. Por esta amostragem temos claro que a maior parte dos educadores mediadores atuantes se encontra na faixa etária do início da vida profissional (20) e, sobretudo, no período de busca de estabilidade profissional (33). Isto revela um campo que está em processo de profissionalização, apesar da falta de reconhecimento de grande parte das instituições, dos problemas de contratação temporária, da falta de perspectiva de carreira e outros problemas observados por aqueles que trabalham na área e confirmados na pesquisa de Alencar.

Sobre a formação desses educadores, a pesquisa⁴ revela que dos cem sujeitos que responderam ao questionário, vinte e seis (26) eram estudantes de graduação e trabalhavam como estagiários. Dos setenta e quatro (74) graduados, treze (13) tinham uma graduação concluída e dezenove (19) tinham duas graduações ou estavam concluindo a segunda graduação. Os quarenta e dois (42) restantes, além da graduação, eram pós-graduados ou estavam na ocasião cursando uma pós-graduação. Entre estes últimos, sete (7) estavam cursando uma especialização; dezenove (19) já eram especialistas (incluindo-se aqui dois (2) com duas especializações); três (3) cursavam o mestrado; dez (10) já haviam concluído o mestrado; dois (2) eram doutorandos e um já havia concluído o doutorado.

Ou seja, confirmando a questão evidenciada pelos dados de faixa etária estes setenta e quatro (74) educadores mediadores que estavam em processo de ampliação de suas experiências e busca de estabilidade profissional, se encontravam também em processo de especialização em suas áreas de atuação como demonstram os dados acima de pós-graduandos, pós-graduados, assim como aqueles com duas graduações.

Para complementar o perfil desse profissional, vale a pena observar o teor das formações iniciais. Aqui os dados apresentados estão em porcentagens, pois se tratam dos setenta e quatro (74) sujeitos que possuíam graduação concluída. A pesquisa de Alencar revela que 70% dos graduados haviam concluído cursos na área de Artes e afins. Em nota⁵ a pesquisadora especifica que entende como cursos afins, os de fotografia, cinema, publicidade, moda, teatro, arquitetura, desenho industrial e design. Quanto ao restante, 22% concluíram cursos na área de ciências humanas com uma maior concentração em História, e 8% em outras áreas.

⁴ Idem, p.45.

⁵ Idem, p.45

Entre aqueles que se formaram na grande área de Artes e afins, 39% eram licenciados, ou seja tinham formação para o magistério e 61% haviam concluído bacharelado. A variedade de nomenclatura dos cursos nas respostas ao questionário da pesquisa de Alencar evidencia a complexidade da área de formação para as artes no contexto brasileiro. Aparecem as licenciaturas em Educação Artística, Artes Plásticas, Artes Visuais e Artes Cênicas. Os bacharelados são em Artes Visuais, Artes Plásticas, Cinema, Arquitetura, Artes Cênicas, Desenho Industrial, Moda e Fotografia.

Este quadro evidencia que, em torno de um terço (39%) dos educadores mediadores em atuação naquele momento, tiveram em sua formação inicial nos cursos de licenciatura, disciplinas relativas ao campo da educação, preparando-os para lidar com os processos pedagógicos inerentes às ações educativas. No entanto, aqui temos que ponderar que os cursos de licenciatura em geral tratam muito pouco da questão da educação não-formal nos conteúdos de suas disciplinas pedagógicas. Sabe-se que o foco da preparação dos professores ainda centra-se na educação formal, apesar do mercado cada vez mais evidenciar que o campo de atuação do educador na área de artes se amplia em direção a ações não-formais.

Com relação aos bacharelados, precisamos também ponderar que em nosso contexto universitário no âmbito dos cursos de artes e afins, reproduz-se a ideologia do campo da arte que menospreza o ensino de artes, reproduzindo vários preconceitos e reforçando uma elitização desse campo.

Vejamos agora as áreas que os educadores mediadores têm procurado para se qualificar em cursos de pós-graduação. Reproduzimos aqui a tabela de profissionalização da pesquisa de Alencar⁶.

	Especialização	Mestrado	Doutorado
Artes e áreas afins	17	5	1
Ciências humanas	4	4	2
Educação	1	1	
Museologia	4		
Outros		2	

O quadro revela que os educadores mediadores em atuação têm buscado se qualificar majoritariamente na grande área de Artes e afins, ou seja, em consonância com as especificidades do campo de atuação. Entretanto, é importante ponderar também que muitas vezes “escolhemos” cursos para nos qualificar diante das possibilidades, do que nos é oferecido em nosso contexto. Assim sendo, as áreas de ciências humanas, educação e museologia podem também ser consideradas áreas correlatas no processo de qualificação.

Diante dos dados e considerações sobre o perfil do mediador cultural, especialmente sobre o teor das formações iniciais e qualificações em pós-graduações, percebe-se que o campo da mediação cultural está sendo exercido e, conseqüentemente, constituído por conhecimentos de áreas afins e correlatas. Por um lado as intersecções e complementaridades de conhecimentos diversos podem enriquecer as

⁶ Idem, p.46.

mediações e por outro gera a necessidade de encontrar pontos comuns que ajudem a situá-las.

A pesquisa de Valéria Peixoto de Alencar evidencia o que estamos observando no contexto das ações educativas, a importância da formação em serviço ou formação continuada do mediador cultural. Uma formação em consonância com a prática, que procure extrair o melhor da complementaridade dos conhecimentos envolvidos e enfrente os desafios de constituir este campo interdisciplinar.

4. QUAL A FORMAÇÃO NECESSÁRIA AO MEDIADOR CULTURAL?

Partindo de experiências com formação de mediadores culturais teço alguns comentários e aponto algumas dimensões fundamentais que acredito devem ser cuidadas em processos de formação.

Em geral, todo projeto de ação educativa é precedido de um curso preparatório para os educadores antes do início da exposição (no caso das exposições temporárias) e/ou ao longo do processo de trabalho (no caso das coleções permanentes). O foco desse curso é a pesquisa e o aprofundamento nos conteúdos e contextos da exposição para que o educador possa constituir seu discurso acerca desse universo, tendo como base conhecimentos de história, teoria e crítica de arte. Esta dimensão do processo é sempre privilegiada nos processos de formação e de certa forma, um ponto pacífico, pois todos concordam que ela é necessária. Porém, chamo atenção para os direcionamentos dado aos cursos que podem tanto reforçar discursos reprodutores (quando o educador é incitado a reproduzir o discurso do curador, por exemplo) quanto estimular uma participação crítica na constituição de discursos mais autorais. Isto leva a crer que a concepção que orienta a ação educativa se evidencia não apenas no debate de idéias, mas se exerce nos modos como o curso é organizado e conduzido.

No processo de formação é importante ressaltar as competências ou dimensões do campo educacional e do campo comunicacional que se entrelaçam na ação mediadora. Resumidamente pode-se dizer que são as competências para se relacionar com o público. Porém sabemos que o público se constitui de sujeitos diversos, com diferentes demandas e necessidades, pertencentes a diferentes comunidades interpretativas. Ou seja, quando falo da dimensão comunicacional, não me refiro apenas à capacidade de se comunicar, de colocar a voz, de ter atenção com sua postura corporal, seu olhar, seus gestos, enfim sua presença em relação ao grupo e ao próprio espaço expositivo, questões importantes, mas chamo a atenção, sobretudo, para a capacidade de flexibilizar a comunicação para os diferentes públicos. Sensibilidade de escuta para perceber as diferentes demandas, para identificar sem estereotipar os diferentes contextos de origem dos sujeitos. Em suma, capacidade de articular e adequar seu discurso para os diferentes públicos.

Mais importante ainda, do campo educacional, especificamente da arte/educação, podemos apontar algumas questões que merecem ser tratadas no processo de formação em dinâmicas de grupo ou a partir de leituras e discussões de textos. Este espaço de formação ao longo do desenvolvimento da ação educativa deve ser garantido pela estrutura de trabalho. Uma reunião semanal coletiva com tempo suficiente para discussão de um tema, levando-se em conta a necessidade de conversas sobre questões do cotidiano das práticas, é recomendável. A condução desses encontros pode ser atribuição do coordenador da ação educativa, de assessores especialistas convidados, ou ainda pode se dá em sistema de rodízio entre

os próprios educadores que podem se engajar na proposição de temas de seu interesse e competência relativos ao contexto da exposição e/ou questões sobre mediação. Ao engajar os educadores no processo de formação além de estimular seu comprometimento com o trabalho e com o próprio processo de formação, reforçam-se as complementaridades das formações iniciais em direção a um processo interdisciplinar de formação.

Aponto alguns temas que são, a meu ver, fundamentais neste processo de reflexão

- Discutir as diferentes concepções de arte, cultura e educação, buscando situar e refletir sobre suas próprias concepções;
- Entender os processos de construção de conhecimentos em arte;
- Buscar instrumentos para avaliar os diferentes níveis de compreensão estética (de crianças, jovens e adultos leigos);
- Pesquisar e exercitar diferentes abordagens de leitura de imagens;
- Trabalhar as diferenças de percepção e recepção dos diferentes públicos, incluindo aqueles com necessidades especiais;
- Exercitar processos de criação em arte de forma relacionada com o contexto da exposição.

E aponto ainda outras dimensões do processo que devem ser exercidas nas mediações formativas, como o estímulo e respeito à autonomia crítica dos educadores, o exercício de posturas reflexivas para enfrentamento dos conflitos vivenciados por sua função, e o exercício da flexibilidade diante de diferentes pontos de vista.

Todo este processo de formação precisa ser permeado por uma reflexão consciente sobre seu posicionamento profissional em relação às instituições e as suas políticas educacionais e promocionais. Não dá mais para encarar a mediação cultural de forma ingênua ou romântica ignorando os pressupostos ideológicos que as orientam. Enfim, este é um trabalho que demanda uma formação específica e profundamente comprometida, pois é fundamental ter clareza de seus posicionamentos em relação a sua função.

Referencias bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Nuevas ideas de arte y cultura para nuevas perspectivas en la difusión del patrimonio. Em: **El acceso al patrimonio cultural**. Retos y debates. Cuadernos da Cátedra Jorge Oteiza: Universidade Pública de Navarra, Espanha, 2008.

ALENCAR, Valéria Peixoto de. **O Mediador Cultural**. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

BENVENUTTI, Alice. **Museu e educação em museus: história, metodologias e projetos, com análises de caso: museus de arte contemporânea de São Paulo, Niterói**

e Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CAUNE, Jean. **La démocratisation culturelle**. Une médiation à bout de souffle. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2006.

DARRAS, Bernard. Del patrimonio artístico a la ecología de las culturas. La cuestión de la cultura elitista en democracia. Em: **El acceso al patrimonio cultural**. Retos y debates. Cadernos da Cátedra Jorge Oteiza: Universidade Pública de Navarra, Espanha, 2008.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio: museu de arte e escola**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, out, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga. (orgs.). **Mediando [com]tatos com arte e cultura**. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, Nov. 2007.

MOURA, Lídice Romano de. **Arte e educação: uma experiência de formação de educadores mediadores**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2007.

NÓVOA, António. (coord.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

ORLOSKI, Erick. **Diálogos e reflexões com educadores: a instituição cultural como potencialidade na formação docente**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2005.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Olho vivo: arte-educação na exposição Labirinto da Moda uma aventura infantil**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Arte/USP, São Paulo, 1999.